

De Alice todos temos um pouco

Muito provavelmente, todos nós nos cruzamos, em algum momento da nossa vida, com a história de **Alice no País das Maravilhas**. Mais curioso é pensar que talvez esta não seja uma mensagem tão infantil como faz supor porque pode incluir toda a história do ser humano. Senão vejamos:

A Alice é descrita como uma menina doce, gentil, e demasiadamente interessada em desvendar a realidade à sua volta. E eis que, um dia, Alice dá uma queda que a leva a um mundo desconhecido. Imediatamente pensamos: coitada! E porque não pensarmos a história de outra forma: que esta enorme curiosidade representa a mente racional e inquieta, sempre disposta a pensar por si própria e recusando aceitar opiniões alheias? Ou seja, o mundo para onde Alice segue o Coelho Branco será o próprio subconsciente, onde se irá deparar com os seus medos e anseios mais profundos. Mas, para que o seu autoconhecimento se processe e ela se transforme é imperativo enfrentar esse mundo denso e desconhecido. Reparem que passamos grande parte das nossas vidas a tentar conhecer o outro, normalmente para lhe podermos atribuir culpa pelos nossos problemas, e assim esquecemos a máxima atualíssima de Sócrates, “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo”. Significa isto que cada um de nós, através da auto-observação, deve entender que dentro de si existem sentimentos contraditórios, ou zonas de luz, mas também de sombra e que quem se preocupa em entender-se não culpa o outro pelo seu infortúnio. E, tal como Alice desceu ao mundo inferior para buscar respostas, cada um de nós também está apto a descobrir aspetos importantes das portas da mente subconsciente onde todas as potencialidades estão armazenadas e contraditoriamente bloqueadas.

Porque caiu Alice? Porque a sua vida era aborrecida. No fundo, queria dar-lhe um sentido maior. Tal como aconteceu a todos em alguma ocasião. Um dia, o Coelho Branco sentiu a sua inquietação, ao passar por ali, atrasado como sempre para algo muito importante. (Não vos parece ser uma boa interpretação da imaginação inquieta?) E, facilmente, atraiu Alice a novas aventuras. E como os coelhos vivem em tocas é muito perceptível como a imaginação consegue arrancar a menina da aparente comodidade e segurança do mundo conhecido para lhe apresentar um mundo estranho, cuja inverossimilhança está mais próxima do fantástico e a realidade mais abaixo, bem mais abaixo da Terra. Um mundo caleidoscópico e caótico, onde o tempo passa raro e a vida não é linear. Um universo onde o intelecto é incapaz de dominar. E aí ela enfrentará os seus maiores medos, para no fim, se encontrar a si mesma. Isto porque só aquele que se conhece a si próprio está apto a encontrar o seu caminho verdadeiro no mundo real. Quem prefere apegar-se às ilusões em vez de encarar o difícil confronto interno, pode seguir alegremente pela vida e até convencer a maioria, mas não se convence a si próprio e muito menos caminha em direção ao seu destino pessoal. Viver de aparências, em perfeição, oculta um desespero interno por não

cometer erros e, simultaneamente, revela falta de auto-estima. Quem se ama realmente, relaxa.

Deste modo, transpor a cognição para o campo do sentimento é o grande desafio de Alice. Todos já passamos por situações em que o sentimento esmaga toda a racionalidade. A catarse de Alice dá-se logo no início, quando se vê a nadar num mar formado pelas suas próprias lágrimas, mas é mergulhando e quase se afogando nos seus próprios sentimentos que poderá compreendê-los melhor. E a menina vai lidar com outras personagens que, no fundo, são elementos constitutivos da sua individualidade. Ela vai ter oportunidade de se cruzar com uma verdadeira vilã, a Rainha de Copas, impulsiva, urgente, intensa que poderá ser o retrato da própria emoção dominando a razão. Já o Chapeleiro Maluco tem conselhos para lhe dar, representando uma certa autoridade naquele lugar (o subconsciente) como poder de condução (intuição).

E, assim, podemos concluir que este mundo de maravilhas trata do mergulho nas verdades ocultas profundas, uma viagem externa representando uma interna. Alice vai enfrentar os seus confrontos internos para descobrir qual o real sentido e encontrará, enfim, o seu lugar através do caminho surreal percorrido. Deixando de lado o tédio, a insegurança, a dúvida e tornando-se autêntica, ela há de deparar-se com o seu novo eu. O país das maravilhas é o país das possibilidades, é nele que tudo pode existir e ser realizado.

E agora digam se realmente é apenas uma história para crianças!

TT